# MASCULINIDADES EM LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA: LACUNAS E APROXIMAÇÕES NA LITERATURA DE PESQUISA

Juá Lima Souza[1]
Agnaldo da Conceição Esquincalha[2]

**GD3: Livro Didático na perspectiva da diversidade, inclusão e justiça social**

**Resumo**
Este trabalho apresenta uma revisão exploratória de literatura sobre masculinidades em livros didáticos de matemática, partindo da compreensão de que esses materiais participam da produção de normas de gênero, pertencimentos e modos de existir na matemática escolar. O objetivo é mapear como pesquisas nacionais e internacionais têm abordado, direta ou indiretamente, relações entre masculinidades, gênero, raça, sexualidade, representação e livros didáticos de matemática. A revisão foi realizada no Google Acadêmico, sem recorte temporal inicial e sem restrição por tipo de produção, considerando a dispersão do tema. Foram reunidos 77 arquivos, dos quais 71 correspondiam a textos únicos após a retirada de duplicados. Após a leitura integral dos estudos mais aderentes, a análise foi organizada em quatro eixos: masculinidade como norma epistêmica da matemática; masculinidade, branquitude e autoridade matemática; masculinidade, heteronormatividade e silenciamento de dissidências; e masculinidade, trabalho, corpo e espaço público. Os resultados sugerem que as masculinidades aparecem pouco como objeto explícito, mas atravessam os livros didáticos de matemática por meio de associações entre masculino, razão, autoria, competência, esporte, técnica, STEM, espaço público, branquitude e heterossexualidade presumida. Conclui-se que investigar masculinidades em livros didáticos de matemática constitui uma agenda necessária para ampliar, de modo interseccional, os estudos sobre gênero, currículo e justiça social na Educação Matemática.

Palavras-chave: Masculinidades. Livros Didáticos de Matemática. Gênero. Interseccionalidade. Educação Matemática.

## 1 Introdução

Livros didáticos de matemática não são apenas suportes para a apresentação de conceitos, técnicas, procedimentos, exercícios e situações-problema. Eles também são artefatos curriculares, culturais e políticos que selecionam personagens, nomes, imagens, profissões, espaços sociais, famílias, corpos, modos de participação pública e formas de relação com o conhecimento matemático. Ao propor problemas sobre compras, esportes, deslocamentos, profissões, tecnologias, vida doméstica, ciência, trabalho ou lazer, esses materiais não apenas contextualizam conteúdos matemáticos, mas também participam da produção de sentidos sobre quem faz matemática, quem aparece como competente, quem

[1] Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) • Mestrando • Rio de Janeiro, RJ, Brasil • lima_juh2013@hotmail.com • ORCID 0009-0008-6943-3150
[2] Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) • Doutor • Rio de Janeiro, RJ, Brasil • agnaldo@im.ufrj.br • ORCID 0000-0001-5543-6627

ocupa posições de autoridade, quem é associado ao cuidado, quem é vinculado à técnica, quem aparece como produtor de conhecimento e quem permanece ausente.

Essa compreensão torna-se especialmente relevante no contexto brasileiro de avaliação, aquisição e distribuição de livros didáticos. Os referenciais pedagógicos recentes do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) reafirmam que as obras devem atender a princípios de diversidade, inclusão, equidade, acessibilidade, respeito às diferenças e enfrentamento de discriminações. No Referencial Pedagógico do PNLD Ensino Médio 2026-2029, os materiais didáticos são compreendidos como bens culturais fundamentais para uma oferta educacional de qualidade em um país marcado por profundas desigualdades sociais, econômicas, regionais, raciais e de gênero, devendo contribuir para o enfrentamento dessas desigualdades e para a construção de práticas educacionais equitativas (Brasil, 2025a).

De modo semelhante, os referenciais dos Anos Iniciais e dos Anos Finais reiteram que as obras devem observar diversidade, inclusão, equidade, acessibilidade, respeito e integralidade da pessoa aprendiz (Brasil, 2025b; Brasil, 2026). Com isso, livros didáticos não podem ser avaliados apenas pela correção conceitual ou pela aderência formal à Base Nacional Comum Curricular (BNCC); eles também precisam ser examinados quanto aos modos como representam pessoas, culturas, territórios, relações sociais, corpos, gêneros e formas de vida.

Nesse cenário, investigar gênero em livros didáticos de matemática não é uma pauta externa à Educação Matemática, mas uma questão diretamente vinculada à qualidade social, pedagógica e política dos materiais didáticos. Se os livros não devem reforçar estereótipos, preconceitos e discriminações, é necessário perguntar como esses estereótipos aparecem, inclusive quando não são explicitamente nomeados. É nesse ponto que o estudo das masculinidades se torna uma entrada analítica importante.

Pesquisas sobre gênero em livros didáticos de matemática têm se concentrado, com razão, na sub-representação de mulheres, na produção de feminilidades e na associação entre figuras femininas, cuidado, domesticidade, maternidade ou insegurança matemática (Neto; Silva, 2021; Durval; Esquincalha, 2022; Parise, 2021; Brugeilles; Quiroz, 2024). Esses estudos são fundamentais, mas também revelam uma lacuna: homens, meninos e corpos masculinizados aparecem frequentemente como norma,

referência universal ou contraponto ao feminino, sendo menos interrogados como objeto específico de investigação.

Perguntar pelas masculinidades em livros didáticos de matemática não significa deslocar a atenção das desigualdades que atingem meninas e mulheres. Significa ampliar a crítica às normas de gênero que sustentam essas desigualdades. Como masculinidades não são sinônimo de homens nem constituem uma categoria homogênea, elas precisam ser compreendidas em relação a raça, classe, sexualidade, geração, território, deficiência, religião, nacionalidade e outros marcadores sociais da diferença (Crenshaw, 2002; Connell; Messerschmidt, 2013). Por isso, a análise proposta neste trabalho assume orientação interseccional: não basta perguntar se há personagens masculinos nos livros, mas quais masculinidades são autorizadas, valorizadas, reiteradas, silenciadas ou tornadas impensáveis nesses materiais.

Diante disso, este artigo tem como objetivo mapear e discutir como a literatura nacional e internacional tem abordado, direta ou indiretamente, masculinidades em livros didáticos de matemática, buscando identificar lacunas, aproximações e possibilidades de análise interseccional. A questão que orienta o trabalho é: de que modo as pesquisas sobre gênero, masculinidades e livros didáticos de matemática permitem problematizar as masculinidades autorizadas, reiteradas ou silenciadas pela matemática escolar?

## 2 Percurso metodológico: uma revisão exploratória de literatura

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão exploratória de literatura. Não se trata de uma revisão sistemática, pois o objetivo não foi esgotar a produção acadêmica por meio de critérios rígidos de busca, inclusão e exclusão em bases específicas. A proposta foi mapear um campo pouco consolidado, identificando estudos diretamente relacionados ao tema e produções próximas que permitissem construir a problemática das masculinidades em livros didáticos de matemática, em aproximação com revisões narrativas e exploratórias (Rother, 2007; Snyder, 2019).

A escolha pelo Google Acadêmico justificou-se pela amplitude da ferramenta, que indexa artigos, teses, dissertações, capítulos, textos em repositórios, anais e produções internacionais. Como a hipótese inicial era de baixa incidência de estudos sobre masculinidades, livros didáticos e matemática, optou-se por não estabelecer recorte temporal inicial nem restringir o levantamento por tipo de produção.

As buscas foram realizadas em português, inglês e espanhol, com combinações como: “masculinidade livro matemática”, “masculinidades livro didático matemática”, “gênero livro didático matemática”, “representações de gênero livros didáticos de matemática”, “masculinity mathematics textbook”, “masculinities mathematics textbooks”, “gender representations mathematics textbooks”, “masculinidad libro de texto matemáticas” e “género libro de texto matemáticas”.

As buscas foram realizadas entre julho e agosto de 2026. Ao todo, foram reunidos 77 arquivos. Após a retirada de duplicados, o conjunto passou a ser composto por 71 textos únicos. A primeira triagem considerou títulos, resumos, palavras-chave e, quando necessário, trechos introdutórios e metodológicos. Foram incluídos no corpus da revisão textos que apresentavam relação com pelo menos um dos seguintes aspectos: masculinidades em materiais escolares; gênero em livros didáticos de matemática; representações de homens, meninos ou matemáticos em livros de matemática; heteronormatividade, competência matemática, STEM, autoria ou autoridade epistêmica em materiais matemáticos. Foram excluídos do corpus principal textos sem relação substantiva com livros didáticos, materiais escolares ou Educação Matemática, ainda que alguns tenham sido mantidos como apoio teórico quando contribuíam para discutir masculinidades, interseccionalidade ou currículo oculto.

Em seguida, os textos foram organizados em quatro grupos. O núcleo direto reuniu estudos que discutem masculinidades em livros didáticos ou materiais de matemática, ou que tratam diretamente dessa lacuna. O núcleo ampliado reuniu pesquisas que não tomam masculinidades como categoria principal, mas analisam homens, meninos, matemáticos, heteronormatividade, competência matemática, STEM, autoria ou imagens masculinizadas em livros de matemática ou discursos sobre matemática. As aproximações fortes incluíram estudos sobre gênero, representações e estereótipos em livros didáticos de matemática. Os apoios teóricos reuniram produções sobre masculinidades, gênero, raça, heteronormatividade, currículo oculto, política pública e livros didáticos em sentido mais amplo. Os textos do núcleo direto e do núcleo ampliado foram, então, lidos integralmente, com registros de recorrências temáticas, deslocamentos conceituais e ausências significativas. Sem vincular a revisão a uma metodologia específica de análise de conteúdo ou de discurso, esse processo permitiu construir eixos analíticos emergentes a partir do próprio conjunto de textos.

**Quadro 1 – Textos selecionados para análise principal**

| Grupo | Textos selecionados | Razão de inclusão |
|---|---|---|
| Núcleo direto | Hilzendeger (2009) | Articula aritmética, livro didático, formação de meninos e produção histórica de masculinidades. |
| Núcleo direto | Hottinger (2010) | Discute matemática, razão, neutralidade e masculinidade como norma epistêmica. |
| Núcleo direto | Durval e Esquincalha (2022) | Mapeia a produção brasileira sobre gênero em livros didáticos de matemática e situa a lacuna. |
| Núcleo direto | Anjos et al. (2025) | Confirma a baixa presença de estudos sobre masculinidades nas ciências ditas exatas. |
| Núcleo ampliado | Parise (2021) | Discute heteronormatividade, binarismo de gênero e homens ou meninos como atletas. |
| Núcleo ampliado | Castaneda et al. (2019) | Mostra predominância do matemático como homem branco, europeu e antigo. |
| Núcleo ampliado | Davis (1997) | Analisa a distribuição simbólica da alta habilidade matemática ao masculino. |
| Núcleo ampliado | Stinson (2013) | Oferece a categoria do mito do homem branco matemático. |
| Núcleo ampliado | Brugeilles e Quiroz (2024) | Contribui com metodologia de censo sociodemográfico de personagens em livros de matemática. |
| Núcleo ampliado | Fruehwirth et al. (2026) | Reforça a masculinização persistente das ocupações STEM em livros de matemática. |

Fonte: Elaboração própria.

A leitura integral dos textos selecionados permitiu organizar a análise em quatro eixos que atravessam o núcleo direto e o núcleo ampliado da revisão: masculinidade como norma epistêmica da matemática; masculinidade, branquitude e autoridade matemática; masculinidade, heteronormatividade e silenciamento de dissidências; e masculinidade, trabalho, corpo e espaço público. Esses eixos não foram tomados como categorias fechadas, mas como operadores de leitura construídos a partir das recorrências observadas, permitindo compreender como as masculinidades são produzidas, reiteradas ou silenciadas na literatura sobre livros didáticos de matemática.

Além desses textos, foram mobilizadas produções de apoio sobre gênero em livros didáticos de matemática, currículo oculto, representações femininas, estereótipos, política pública e avaliação de materiais didáticos. Esses trabalhos não compõem o núcleo principal da análise, mas ajudam a situar o campo e a sustentar a interpretação das lacunas identificadas.

## 3 Livros didáticos de matemática, gênero e política pública

Os referenciais pedagógicos recentes do PNLD oferecem um ponto de partida importante para pensar a relevância deste estudo. Ao estabelecer critérios para avaliação

das obras, esses documentos não tratam os livros como instrumentos neutros de transmissão de conteúdos, mas como materiais envolvidos na formação integral, na construção de valores democráticos e no enfrentamento das desigualdades. Assim, gênero, raça, classe, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença são parte constitutiva do que se espera de uma obra destinada à escola pública brasileira (Brasil, 2025a; Brasil, 2025b; Brasil, 2026).

O Referencial Pedagógico do PNLD Ensino Médio 2026-2029 destaca juventudes plurais e desigualdades sociais, econômicas, regionais, raciais, de gênero e de acesso à informação, afirmando que livros e materiais didáticos devem contribuir para práticas educacionais equitativas (Brasil, 2025a). Os referenciais dos Anos Iniciais e dos Anos Finais reiteram diversidade, inclusão e equidade, considerando estudantes como pessoas históricas e de direitos (Brasil, 2025b; Brasil, 2026).

Esses documentos fundamentam a necessidade de uma análise interseccional dos livros didáticos de matemática. Não se trata apenas de verificar equilíbrio numérico entre personagens masculinos e femininos, mas de compreender como os materiais constroem normas de gênero articuladas a raça, classe, sexualidade, território, idade e deficiência. Um livro pode apresentar presença relativamente equilibrada e, ainda assim, associar homens à liderança, à racionalidade, à técnica, à autoria científica, à competição e ao espaço público, enquanto associa mulheres ao cuidado, à organização, à domesticidade ou à insegurança matemática (Davis, 1997; Nurlu, 2021; Brugeilles; Quiroz, 2024).

No caso das masculinidades, isso é especialmente relevante porque o masculino frequentemente aparece como neutro, universal ou não marcado. A literatura sobre livros didáticos e currículo oculto mostra que materiais escolares transmitem valores para além do conteúdo explicitamente ensinado (Blumberg, 2008; Van de Rozenberg et al., 2023). Em matemática, essa discussão ganha força porque a disciplina costuma ser representada como abstrata e universal, embora seja atravessada por relações de poder, pertencimento e reconhecimento (Gutiérrez, 2013; Leyva, 2017; Becker; Hall, 2024).

## 4 O que a literatura já discute sobre gênero em livros didáticos de matemática

A literatura sobre gênero em livros didáticos de matemática indica que esses materiais participam da produção de normas sociais. Mesmo quando há avanços na presença de personagens femininas, persistem desigualdades qualitativas quanto a papéis sociais, profissões, espaços, atividades e formas de competência atribuídas a homens e

mulheres (Tang; Chen; Zhang, 2010; Souza; Silva, 2017; Nurlu, 2021; Parise, 2021; Brugeilles; Quiroz, 2024).

No Brasil, Souza e Silva (2017) mostram que atividades aparentemente neutras podem reafirmar normas generificadas, pois situações contextualizadas dizem algo sobre família, consumo, trabalho, corpo, lazer, profissão e vida social. Durval e Esquincalha (2024) discutem livros didáticos de matemática como produtores de subjetividades, com foco nas figuras femininas.

Neto e Silva (2021), ao discutirem gênero como problema em livros didáticos de matemática, propõem a ideia de um "manual prático" de como ser menina ou mulher. Essa formulação permite uma pergunta espelhada: que "manual prático" de como ser menino ou homem é produzido pelos livros didáticos de matemática? Que regularidades ensinam o masculino como liderança, racionalidade, força, técnica, autonomia, competição ou autoridade?

No cenário internacional, Tang, Chen e Zhang (2010) identificam desigualdades de representação e estereótipos de gênero em livros de matemática da China. Nurlu (2021), na Turquia, indica que igualdade numérica não elimina desigualdades em atividades, papéis profissionais, papéis parentais e espaços atribuídos a cada grupo. Brugeilles e Quiroz (2024), no México, mostram equilíbrio relativo entre meninas e meninos em atividades escolares e jogos, mas desvantagem de mulheres entre pessoas adultas.

Parise (2021), ao analisar livros de Estatística do Ensino Médio nos Estados Unidos, articula gênero, sexo e heteronormatividade. A autora identifica estruturas heteronormativas, confusão entre sexo e gênero, rigidez dos papéis de gênero, mulheres e meninas representadas como mães, homens e meninos associados ao esporte e predominância masculina entre pessoas reais citadas. Essa análise desloca a discussão para além da contagem de personagens e permite compreender como a heterossexualidade presumida e a binariedade de gênero atravessam materiais matemáticos.

Castaneda et al. (2019), ao investigarem livros mexicanos de matemática, indicam que a figura dominante do matemático tende a ser homem branco, europeu e situado em tempos antigos. De modo complementar, Davis (1997) discute como um livro sul-africano atribui alta habilidade matemática a personagens masculinos e baixa habilidade

a personagens femininas, sugerindo que a masculinização da competência pode ocorrer por imagens, posturas, sequências narrativas e relações entre acerto, erro, explicação e autoridade.

Esse conjunto permite afirmar que a literatura sobre gênero em livros didáticos de matemática já construiu um campo consistente. No entanto, também permite perceber uma lacuna: as masculinidades aparecem como efeito, contraponto, norma ou dado secundário, mas raramente são tomadas como categoria analítica central.

## 5 Masculinidades em livros didáticos de matemática: estudos diretos e aproximações analíticas

Entre os textos analisados, poucos se aproximam diretamente da formulação "masculinidades em livros didáticos de matemática". Hilzendeger (2009), ao estudar a Primeira Arithmetica Para Meninos e a constituição de masculinidades na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, constitui uma das referências mais aderentes ao tema. A autora analisa um compêndio de aritmética como artefato cultural que não ensinava apenas conteúdos matemáticos, mas também modos de ser menino, articulando educação matemática, civilidade, gênero e formação moral.

Esse estudo sugere que a matemática escolar participou historicamente da produção de masculinidades. O ensino de aritmética integrava um projeto de formação de meninos segundo expectativas sociais específicas, associando matemática à racionalidade, à disciplina, à preparação para a vida pública e à constituição de uma identidade masculina adequada a determinado tempo e espaço (Hilzendeger, 2009).

Anjos et al. (2025), ao revisarem pesquisas sobre masculinidades na Matemática, Física e Química, indicam a baixa presença desse tema e destacam a necessidade de ampliar investigações que problematizem o modo como essas áreas produzem ou reiteram normas de gênero. Essa contribuição situa a lacuna não apenas no campo do livro didático, mas na Educação Matemática e nas ciências escolares de modo mais amplo.

Durval e Esquincalha (2022), ao revisarem dissertações e teses brasileiras sobre relações de gênero em livros didáticos de matemática, também reforçam essa lacuna. Há produção sobre gênero, feminilidades, mulheres, meninas, imagens, estereótipos e subjetividades; há menos produção sobre como livros didáticos de matemática ensinam modos normativos de ser homem ou menino.

Hottinger (2010), por sua vez, problematiza a construção discursiva da subjetividade generificada em livros de matemática. Sua análise permite compreender que a masculinidade pode operar como forma de subjetividade matemática associada à razão, à lógica, à neutralidade, à autonomia e à autoridade intelectual, mesmo quando os livros não falam explicitamente de homens ou meninos.

O núcleo direto é reduzido, mas permite delimitar a especificidade do problema. Para ampliar a discussão, o núcleo ampliado reúne estudos que, embora não tomem masculinidades como objeto central, oferecem evidências relevantes para a análise: Parise (2021) permite discutir masculinidades associadas ao esporte e à heteronormatividade; Castaneda et al. (2019), o matemático como homem branco, europeu e antigo; Davis (1997), a associação entre masculinidade e alta habilidade matemática; Stinson (2013), o "mito do homem branco matemático"; e Brugeilles e Quiroz (2024), o censo sociodemográfico de personagens.

Esse conjunto sugere que as masculinidades aparecem nos livros didáticos de matemática menos como tema explicitado e mais como regularidade discursiva e representacional. Elas se materializam em associações entre masculino, razão, autoria, competência, esporte, técnica, STEM, espaço público, liderança, branquitude e heterossexualidade presumida. Na leitura realizada, essas recorrências não aparecem isoladamente: elas se cruzam e permitem compreender as masculinidades como construções interseccionais. Por isso, a seção seguinte retoma os quatro eixos analíticos construídos a partir do corpus principal da revisão.

## 6 Para uma análise interseccional das masculinidades

Uma análise interseccional das masculinidades em livros didáticos de matemática não pode limitar-se à contagem de personagens masculinos. Também não pode tratar homens e meninos como grupo homogêneo. A leitura dos textos selecionados indica que a pergunta central não é apenas "quantos homens aparecem?", mas que masculinidades são associadas à matemática, que posições ocupam, que corpos são reconhecidos como competentes, que relações estabelecem com raça, classe e sexualidade, e quais modos de existência permanecem ausentes ou secundarizados.

O primeiro eixo, masculinidade, razão e autoridade epistêmica, emerge sobretudo do diálogo com Hottinger (2010) e Davis (1997). Hottinger (2010) permite compreender que a masculinidade pode operar como forma de subjetividade matemática associada à

razão, à lógica, à neutralidade, à abstração e à distância em relação ao corpo. Davis (1997), por sua vez, mostra que a competência matemática pode ser distribuída simbolicamente de modo desigual, atribuindo maior habilidade a personagens masculinos e menor habilidade a personagens femininas. Assim, a literatura revisada sugere que a masculinidade se produz não apenas pela presença de homens ou meninos, mas pela associação entre masculino, acerto, explicação, domínio conceitual e autoridade intelectual.

O segundo eixo, masculinidade, branquitude e produção do matemático, articula principalmente Castaneda et al. (2019) e Stinson (2013). Ao analisarem livros mexicanos de matemática, Castaneda et al. (2019) indicam que a figura dominante do matemático tende a ser a de um homem branco, europeu e situado em tempos antigos. Essa representação aproxima-se do "mito do homem branco matemático" discutido por Stinson (2013), isto é, da associação discursiva entre matemática, branquitude, masculinidade e legitimidade intelectual. Nessa direção, a questão racial não aparece como complemento da análise de gênero, mas como dimensão constitutiva da autoridade matemática produzida pelos materiais didáticos.

O terceiro eixo, masculinidade, heteronormatividade e apagamento de dissidências, é sustentado especialmente por Parise (2021) e Van de Rozenberg et al. (2023). Parise (2021), ao analisar livros de Estatística do Ensino Médio, identifica a permanência de binarismos de sexo e gênero, a predominância de relações heterossexuais e a associação de homens e meninos ao esporte. Van de Rozenberg et al. (2023), ao analisarem livros holandeses de Língua e Matemática, também apontam a ausência de personagens de minorias sexuais, compreendendo a heteronormatividade como componente do currículo oculto. A partir desses estudos, a masculinidade autorizada pelos materiais tende a aparecer como cisgênera, heterossexual e compatível com normas familiares e sociais convencionais.

O quarto eixo, masculinidade, trabalho, corpo e espaço público, aproxima Hilzendeger (2009), Tang, Chen e Zhang (2010), Incikabi e Ulusoy (2019), Chuh e Nkwetisama (2022) e Fruehwirth et al. (2026). Hilzendeger (2009) mostra que a aritmética escolar esteve historicamente vinculada à formação de meninos para a vida pública, a disciplina, a racionalidade e determinadas expectativas sociais. Em estudos internacionais, homens e meninos aparecem associados a profissões técnicas, negócios,

liderança, dinheiro, tecnologia, esportes e espaços públicos, enquanto as figuras femininas são mais frequentemente vinculadas ao cuidado, à domesticidade ou a posições de menor prestígio social (Tang; Chen; Zhang, 2010; Incikabi; Ulusoy, 2019; Chuh; Nkwetisama, 2022). Fruehwirth et al. (2026) reforçam essa discussão ao indicar a persistente masculinização das ocupações STEM em livros de matemática.

Esses quatro eixos permitem compreender que a masculinidade, na literatura revisada, não aparece como uma categoria única ou homogênea. Ela se articula à razão, à autoria, à branquitude, à heteronormatividade, ao trabalho, ao corpo, à técnica e ao espaço público. Também aparece nas ausências e silenciamentos, especialmente quando os estudos apontam baixa presença de personagens de minorias sexuais, de mulheres em STEM ou de pessoas racializadas como produtores legítimos de conhecimento matemático. Desse modo, a contribuição da revisão não está em afirmar que todos os livros didáticos produzem as mesmas masculinidades, mas em mostrar que a literatura oferece evidências suficientes para que as masculinidades sejam tomadas como objeto próprio de investigação na Educação Matemática.

## 7 Considerações finais

A revisão exploratória apresentada sugere que há um campo relevante de estudos sobre gênero em livros didáticos de matemática, mas ainda são poucos os trabalhos que tomam masculinidades como objeto central. A maior parte da literatura discute representações de mulheres e meninas, feminilidades, desigualdade de presença, estereótipos, invisibilidade feminina na ciência e produção de subjetividades generificadas (Neto; Silva, 2021; Durval; Esquincalha, 2022; Durval; Esquincalha, 2024).

Justamente porque o masculino tende a operar como norma, torna-se necessário interrogá-lo. As masculinidades aparecem muitas vezes sem serem nomeadas: no personagem que resolve, no matemático branco europeu, no menino associado ao esporte, no homem vinculado à tecnologia, ao trabalho, à liderança, ao dinheiro, ao espaço público, à razão e à autoridade. Também aparecem nas ausências e silenciamentos indicados pela literatura, especialmente quando os estudos apontam baixa presença de personagens de minorias sexuais, de pessoas racializadas e de grupos historicamente afastados da posição de produtores legítimos de conhecimento matemático.

O núcleo direto é reduzido, mas suficiente para evidenciar a potência do tema quando articulado ao núcleo ampliado. Em conjunto, esses estudos permitem discutir a

constituição histórica de masculinidades, a masculinidade como norma epistêmica, o mito do homem branco matemático, a heteronormatividade e a masculinização da competência, das ocupações STEM e da autoridade matemática.

Conclui-se que investigar masculinidades em livros didáticos de matemática não significa reduzir a crítica às desigualdades que atingem meninas e mulheres. Significa ampliar essa crítica, voltando o olhar para as normas que sustentam a matemática escolar como território historicamente associado a determinados corpos, racionalidades e trajetórias. Ao perguntar que masculinidades são autorizadas, reiteradas ou silenciadas nesses materiais, a Educação Matemática ganha uma agenda capaz de tensionar, de modo interseccional, relações entre gênero, raça, classe, sexualidade, currículo e justiça social.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Italo Curvelo dos; SILVA, Glauber Carvalho da; SANTOS, Leonardo Maciel dos; PAIVA, Paulo Henrique Apipe Avelar de. Diálogos entre masculinidades e pesquisas que tensionam a neutralidade na Matemática, Física e Química: uma revisão bibliográfica. *Revista Diversidade e Educação*, v. 13, n. 2, p. 675-697, 2025.

BECKER, Joanne Rossi; HALL, Jennifer. Research on gender and mathematics: exploring new and future directions. *ZDM Mathematics Education*, v. 56, p. 141-151, 2024.

BLUMBERG, Rae Lesser. The invisible obstacle to educational equality: gender bias in textbooks. *Prospects*, v. 38, n. 3, p. 345-361, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. *PNLD Ensino Médio 2026-2029*: Anexo 01, Referencial Pedagógico. 3. retificação. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2025a.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. *PNLD Anos Iniciais 2027*: Anexo 01, Referencial Pedagógico. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2025b.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. *PNLD Anos Finais 2028-2031*: Anexo 01, Referencial Pedagógico. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2026.

BRUGEILLES, Carole; QUIROZ, Liliana Estrada. ¿Quiénes son los personajes que ilustran los libros de texto gratuitos de matemáticas en México? Aportes de un análisis sociodemográfico de su sistema de género. *Revista Latinoamericana de Población*, v. 18, e202405, 2024.

CASTANEDA, Apolo; SÁNCHEZ AGUILAR, Mario; GÓMEZ-BLANCARTE, Ana Luisa; ROMO-VÁZQUEZ, Avenilde; LEZAMA-ANDALÓN, Javier; MIRANDA-VIRAMONTES, Isaías. Representations of mathematicians in lower secondary

mathematics textbooks. *EURASIA Journal of Mathematics, Science and Technology Education*, v. 15, n. 7, 2019.

CHUH, Valerie Sah; NKWETISAMA, Carlous Muluh. Gender representation in mathematics textbooks for Cameroon primary and secondary schools. *IQ Research Journal*, v. 1, n. 10, p. 01840-01861, 2022.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DAVIS, Zain. Gender and mathematical ability: a semiotic reading of a South African primary school textbook. *Philosophy of Mathematics Education Journal*, n. 10, 1997.

DURVAL, Anna Lydia Azevedo; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Relações de gênero em livros didáticos de matemática: um estudo a partir de dissertações e teses brasileiras. *Com a Palavra o Professor*, v. 7, n. 17, p. 351-375, 2022.

DURVAL, Anna Lydia Azevedo; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Livros didáticos de Matemática como produtores de subjetividades a partir de figuras femininas. *Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*, v. 14, n. 5, p. 1-30, 2024.

FRUEHWIRTH, Bernhard; WENGLER, Diana; HEILEMANN, Michael; STOEGER, Heidrun. Gender representation in HEED and STEM occupations: a longitudinal analysis of German language arts and mathematics textbooks (1960-2017). *Sex Roles*, v. 92, art. 21, 2026.

GUTIÉRREZ, Rochelle. The sociopolitical turn in mathematics education. *Journal for Research in Mathematics Education*, v. 44, n. 1, p. 37-68, 2013.

HILZENDEGER, Maria Aparecida Maia. *"Primeira Arithmetica Para Meninos" e a constituição de masculinidades na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HOTTINGER, Sara N. Mathematics and the flight from the feminine: the discursive construction of gendered subjectivity in mathematics textbooks. *Feminist Teacher*, v. 21, n. 1, p. 54-74, 2010.

INCIKABI, Lütfi; ULUSOY, Fadime. Gender bias and stereotypes in Australian, Singaporean and Turkish mathematics textbooks. *Turkish Journal of Education*, v. 8, n. 4, p. 298-317, 2019.

LEYVA, Luis A. Unpacking the male superiority myth and masculinization of mathematics at the intersections: a review of research on gender in mathematics

education. *Journal for Research in Mathematics Education*, v. 48, n. 4, p. 397-433, 2017.

NETO, Vanessa Franco; SILVA, Marcio Antonio da. Gênero como um problema nos livros didáticos de matemática: manual prático de como ser menina/mulher. *Acta Scientiae*, v. 23, n. 8, p. 191-222, 2021.

NURLU, Özge. Analysis of gender fairness of primary school mathematics textbooks in Turkey. *International Journal of Psychology and Educational Studies*, v. 8, n. 4, p. 78-95, 2021.

PARISE, Megan M. Gender, sex, and heteronormativity in high school statistics textbooks. *Mathematics Education Research Journal*, v. 33, p. 757-785, 2021.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SNYDER, Hannah. Literature review as a research methodology: an overview and guidelines. *Journal of Business Research*, v. 104, p. 333-339, 2019.

SOUZA, Deise Maria Xavier de Barros; SILVA, Marcio Antonio da. Questões de gênero no currículo de matemática: atividades do livro didático. *Educação Matemática Pesquisa*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 374-392, 2017.

STINSON, David W. Negotiating the "White Male Math Myth": African American male students and success in school mathematics. *Journal for Research in Mathematics Education*, v. 44, n. 1, p. 69-99, 2013.

TANG, Hengjun; CHEN, Bifen; ZHANG, Weizhong. Gender issues in mathematical textbooks of primary schools. *Journal of Mathematics Education*, v. 3, n. 2, p. 106-114, 2010.

VAN DE ROZENBERG, Tessa M.; GROENEVELD, Marleen G.; VAN VEEN, Daudi P.; VAN DER POL, Lotte D.; MESMAN, Judi. Hidden in plain sight: gender bias and heteronormativity in Dutch textbooks. *Educational Studies*, v. 59, n. 3, p. 299-317, 2023.